

KAIROS PALESTINA

A Iniciativa Cristã Palestina

Momento da Verdade: Fé em um Tempo de Genocídio¹

Olhamos para o dia em que viveremos livres em nossa terra, junto com todos os habitantes da terra, em verdadeira paz e reconciliação — alicerçadas na justiça e na igualdade para toda a criação de Deus, onde “*a misericórdia e a verdade se encontram, e a justiça e a paz se abraçam*” (Salmos 85:10).

Introdução

§1 Nós, da *Iniciativa Ecumênica Cristã Palestina*, publicamos, em 2009, o *Documento Kairos Palestina: “Uma palavra de fé, esperança e amor que nasce do sofrimento palestino”*. Os líderes das diversas Igrejas em Jerusalém ouviram esse clamor, acolheram-no e ofereceram seu apoio. O documento encontrou ampla ressonância, tanto local quanto internacionalmente. Então, mais uma vez, nós nos reunimos — mulheres e homens, clero e leigos — provenientes das diferentes famílias eclesiais da Palestina. Depois de rezar e refletir sobre o sofrimento de nosso povo sob ocupação, lançamos este grito de esperança na ausência de esperança, afirmando nossa fé em Deus e nosso amor por nossa pátria, convictos de que nossa luta diz respeito, em última instância, à vida e à dignidade de toda a humanidade.

§2 Vivemos em um tempo de genocídio, de limpeza étnica e de deslocamento forçado diante dos olhos do mundo. Este momento exige de nós uma nova postura, diferente de qualquer outra até agora. É um momento decisivo, um momento de verdade. Hoje renovamos nossa postura pela verdade e nosso compromisso com princípios religiosos, teológicos e morais fundamentais. Contemplamos nossa realidade e assumimos novamente uma posição, respondendo à voz do Espírito Santo em nosso interior, escutando o chamado da fé neste tempo de genocídio. Renovamos nossa mensagem de fé, esperança e amor — oferecendo uma visão inspirada pela fé para o que virá *após* o genocídio.

¹ Texto original em inglês: https://www.kairopalestine.ps/images/Final_Kairos_document_II_English.pdf A *Kairos Palestina* é um movimento ecumênico cristão palestino, fundamentado no documento histórico “*Momento da Verdade*”, lançado em 2009. Nascido da realidade vivenciada de sofrimento, da fé inabalável e do anseio por justiça, o movimento Kairos Palestina ergue uma voz profética contra a opressão contínua na Palestina. O Documento de Kairos original é a palavra coletiva dos cristãos palestinos para o mundo; um grito de esperança alicerçado no amor, na oração e na fé inabalável em Deus. Ele dirige-se primeiramente à nossa própria comunidade palestina e, em seguida, conclama igrejas e cristãos em todos os lugares a rejeitarem a injustiça e o apartheid e a trabalharem corajosamente por uma paz justa e duradoura.

Parte I

A REALIDADE: GENOCÍDIO, COLONIZAÇÃO E LIMPEZA ÉTNICA

§1.1 Levantamos este clamor do coração do ataque contra Gaza — uma guerra que deixou centenas de milhares de mártires e feridos, e quase dois milhões de pessoas deslocadas. Muitos foram enterrados sob os escombros, queimados vivos, torturados até a morte nas prisões ou expulsos à força mais de uma vez. Outros enfrentaram a fome, sendo alvo mesmo enquanto corriam em busca de alimento. Dezenas de milhares de crianças foram assassinadas da forma mais horrível. Os setores de saúde, educação, economia e meio ambiente de Gaza — de fato, todos os componentes da vida — foram destruídos. Serão necessários anos para se recuperar da devastação e da catástrofe que se abateram sobre nós como povo.

§1.2 Organizações de direitos humanos, instituições jurídicas e especialistas internacionais têm sido inequívocos: as declarações dos líderes políticos israelenses e as ações de Israel em seu ataque a Gaza constituem genocídio. Muitos dos crimes de guerra e crimes contra a humanidade foram documentados, e mandados de prisão foram emitidos contra líderes políticos israelenses com base em decisões da Corte Internacional de Justiça².

§1.3 Eles não querem que permaneçamos em nossa terra, mas que sejamos destinados ao deslocamento, à morte ou à submissão. A guerra genocida contra Gaza é a continuação do projeto sionista de tomar toda a Palestina esvaziada de seu povo palestino. A limpeza étnica e a negação do direito de retorno aos deslocados à força são políticas contínuas praticadas em Jerusalém, na Cisjordânia, em Gaza e nos territórios de 1948. A *Nakba* do nosso povo é nossa realidade cotidiana. Este genocídio foi perpetrado por Israel após décadas de apartheid, colonialismo de colonos, repressão política e a política deliberada de matar qualquer possibilidade de solução política — incluindo a solução de dois Estados. Revela-se hoje o verdadeiro rosto da ideologia sionista: um sistema que, ao longo de décadas, consolidou um regime organizado e sofisticado de apartheid, apoiado por tecnologias avançadas, exercendo controle total sobre todos os aspectos da vida palestina — fragmentando a terra, dividindo seu povo e transformando a existência palestina em um inferno insuportável. A chamada *Lei do Estado-Nação* de Israel, promulgada em 2018, incorpora o racismo sionista e a arrogante supremacia judaica na Palestina, tornando o apartheid uma realidade vivida. A decisão de Israel de anexar a Cisjordânia expôs ainda mais a verdadeira intenção desse projeto colonial.

§1.4 Embora os povos do mundo tenham mostrado solidariedade conosco, a guerra genocida revelou a hipocrisia do mundo ocidental, de seus valores vazios e da civilização de que se orgulha, alegando um compromisso com os direitos humanos e o direito internacional. Na realidade, o mundo ocidental nos sacrificou, revelando racismo e padrões duplos em relação ao nosso povo. Claro, distinguimos entre os arquitetos dessas políticas destrutivas e os muitos líderes, organizações e movimentos populares que mostraram solidariedade sincera aos palestinos em Gaza, exigindo o fim da

² <https://www.ohchr.org/en/press-releases/2025/09/israel-has-committed-genocide-gaza-strip-un-commission-finds>

injustiça, do derramamento de sangue e o reconhecimento pleno de nossos direitos legítimos.

§1.5 Esta guerra também expôs outra realidade do sionismo — seja ele judaico ou cristão — em sua justificação da violência e da matança. Nós, cristãos palestinos, estamos profundamente chocados com as posições de muitas igrejas que adotaram a narrativa do colonizador ou permanecem em silêncio diante do genocídio de nosso povo. Em alguns casos, priorizam o diálogo inter-religioso judaico-cristão acima da verdade, da dignidade humana e da própria vida, ignorando o contexto. Julgam um lado e desculpam o outro, ou simplesmente permanecem em silêncio. Alguns chegam até a adotar posições cúmplices, favoráveis ou que incitam ao genocídio.

§1.6 Israel comete esses crimes invocando os eventos de 7 de outubro de 2023, alegando que suas ações são um ato de autodefesa — esquecendo que o ataque do Hamas naquele dia nasceu de décadas de injustiça, opressão e deslocamento desde a *Nakba* de 1948, e de mais de dezesseis anos de um bloqueio imoral e sufocante a Gaza. Mencionar esse contexto — e o direito de um povo sob ocupação de resistir ao seu ocupante e opressor — é reconhecer que os eventos de 7 de outubro ocorreram em um contexto particular. Mencionar o contexto não justifica o assassinato ou a captura de civis, nem as violações do direito internacional ou os crimes de guerra. Ao mesmo tempo, a alegação de “autodefesa” não se sustenta. Como pode um colonizador defender-se daqueles que colonizou e expulsou de sua terra? O direito internacional — se ainda possui algum peso moral — refuta essa alegação³.

§1.7 O colonialismo de colonos, passado e presente, é construído sobre genocídio, limpeza étnica e deslocamento forçado dos povos indígenas — tudo para explorar terras, recursos e riquezas em benefício do colonizador. Vemos dimensões econômicas profundas por trás da guerra genocida de Israel em Gaza — especialmente seu interesse nos campos de gás natural ao longo da costa palestina. Controlar Gaza significa também controlar uma das rotas comerciais e corredores energéticos mais vitais do mundo, possibilitando vastos projetos econômicos e comerciais que consolidam a dominação econômica colonial às custas do povo palestino. O silêncio do mundo diante do genocídio em Gaza não é inocente. Ele está ligado a enormes interesses econômicos que colocam o lucro acima da vida humana e dos direitos.

§1.8 Em Jerusalém, claras políticas de colonização de caráter religioso e demográfico buscam judaizar a cidade às custas de seu pluralismo. Há ataques constantes aos locais sagrados muçulmanos e cristãos, tentativas de incendiar igrejas, profanar e destruir cemitérios, e pixações racistas sobre eles. Os ataques contra o clero cristão estão aumentando, assim como as restrições às celebrações cristãs, como o Sábado do Fogo Santo e o Domingo de Ramos. A coerção financeira — por meio da imposição de impostos e do congelamento de contas bancárias de igrejas, em violação ao “*status quo*” — também se intensificou. Os Líderes das Igrejas em Jerusalém descreveram esses atos como parte de uma política sistemática para esvaziar a Terra Santa de seus cristãos.

§1.9 Em toda a Cisjordânia ocupada — de norte a sul — cidades palestinas, aldeias e comunidades beduínas enfrentam ataques incessantes de colonos e assentamentos. Eles devastam a terra, destroem plantações, envenenam ou confiscam recursos hídricos e

³ <https://docs.un.org/en/A/RES/37/43>

atacam moradores — tudo sob a proteção, apoio e até participação do exército israelense em atos de violência, assassinatos, demolições de casas e deslocamento forçado. A sociedade palestina vive sob um cerco sufocante imposto por checkpoints, portões e todos os mecanismos que impedem nosso povo de se mover livremente⁴.

§1.10 Para os palestinos que vivem dentro do Estado de Israel, o racismo e a discriminação persistem de forma explícita. Comunidades palestinas enfrentam intimidação, criminalização da liberdade de expressão e perseguição por qualquer esforço de defender os direitos palestinos, além do abandono deliberado diante do crime organizado que assola cidades palestinas. Aqueles que foram deslocados dentro de Israel em 1948, cujas terras foram confiscadas, continuam impedidos de retornar às suas aldeias e reconstruir suas casas. As comunidades beduínas continuam sendo vítimas de deslocamento sistemático e limpeza étnica, especialmente no Naqab (Neguev).

§1.11 Nos últimos anos, Israel, com o apoio dos Estados Unidos e de outras grandes potências, atacou constantemente os princípios fundamentais e os direitos legítimos do povo palestino. Tentou apagar a questão dos refugiados ao buscar destruir a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (UNRWA), acusando-a de terrorismo e pressionando os países doadores a suspender seu financiamento. Ao mesmo tempo, vários campos de refugiados na Cisjordânia foram sistematicamente destruídos, deslocando milhares de pessoas mais uma vez.

§1.12 Organizações da sociedade civil palestina que atuam no campo dos direitos humanos sofreram ataques ferozes destinados a desacreditá-las, enfraquecer seu trabalho e até eliminá-las por meio de acusações de terrorismo e pressão política sobre governos para cortar seu financiamento e processá-las.

§1.13 Desde 7 de outubro de 2023, Israel ampliou drasticamente sua política de sequestros e prisões. Hoje, milhares de palestinos, homens e mulheres, estão detidos em prisões israelenses; cerca de um terço está preso sem acusação ou julgamento, sob detenção administrativa. Entre eles há muitas crianças. Numerosas mortes foram registradas nas prisões desde o início da guerra. Organizações de direitos humanos documentaram práticas sistemáticas de tortura, violência sexual, políticas de fome e negação de atendimento médico. Os prisioneiros, especialmente os de Gaza, são submetidos a detenção em massa e isolamento total do mundo exterior sob a lei militar israelense, resultando em grande número de desaparecimentos forçados, perda de representação legal e ausência completa de comunicação⁵.

§1.14 A situação interna palestina precisa urgentemente de reorganização. A divisão política, a rivalidade e a exclusão se aprofundaram. A maioria dos palestinos perdeu a confiança em sua liderança política. Como resultado dos Acordos de Oslo e suas consequências, a Autoridade Palestina ficou presa a servir aos interesses do ocupante, administrando a vida cotidiana do ocupado em nome do ocupante israelense, incapaz de proteger seu próprio povo do terror dos colonos e do aparato de segurança de Israel.

⁴ <https://www.unocha.org/publications/report/occupied-palestinian-territory/west-bank-movement-and-access-update-may-2025>

⁵ <https://www.ohchr.org/en/press-releases/2024/07/un-report-palestinian-detainees-held-arbitrarily-and-secretly-subjected>

§1.15 Sinais de desordem começaram a se espalhar na sociedade palestina e se tornaram parte de nossa realidade, em grande parte devido à ausência ou à aplicação fraca do Estado de Direito. Isso levou ao aumento da intimidação, invasão de terras, tribalismo, favoritismo e corrupção em suas várias formas, às custas do bem comum, aprofundando a frustração e o desespero do povo. Em meio à vasta destruição e ao genocídio em Gaza, atos de violência, vingança, caos e roubo só aumentaram o sofrimento do povo palestino.

§1.16 A vida cotidiana dos palestinos sob ocupação militar se tornou consumida por preocupações internas: checkpoints, restrições de viagem em fronteiras e passagens, o pagamento de salários do setor público e muitos outros problemas urgentes. Embora significativos, estes permanecem sintomas de uma realidade maior que deve seguir sendo o foco central de nossa atenção: o sistema de dominação política e militar imposto por Israel como força ocupante sobre o povo palestino.

§1.17 Nossa sociedade e cultura política sofrem com a ausência de renovação de liderança e de visão por meio de eleições democráticas, além da exclusão de jovens líderes. A Palestina enfrenta hoje um grave fenômeno de fuga de cérebros, incluindo profissionais qualificados e jovens. Isso não é emigração voluntária. É deslocamento forçado, nascido da opressão e da completa falta de oportunidades. Afirmamos, como palestinos de todas as fés, que somos o povo indígena desta terra e que nossa própria existência enfrenta hoje uma ameaça sem precedentes. A contínua emigração de cristãos não para, constituindo um perigo real para a presença cristã na Palestina, que agora corre risco de limpeza étnica e extinção.

§1.18 Os cristãos da Palestina e da diáspora são parte inseparável do povo palestino. Seus desafios são os desafios da nação como um todo. A realidade da Igreja é diretamente afetada por tudo o que acontece no terreno. A Igreja continua trabalhando incansavelmente, por meio da pastoral e de seus ministérios institucionais, para apoiar seus filhos, filhas e a sociedade mais ampla diante dessas pressões. Os Líderes das Igrejas trabalham juntos para enfrentar ataques repetidos, emitindo declarações e assumindo posições corajosas, apesar das pressões e intimidações que enfrentam, na esperança de que o mundo e a Igreja global escutem. Ao mesmo tempo, alguns cristãos palestinos sentem a necessidade crescente de uma maior proximidade entre clero e leigos, e de um papel mais forte da liderança da Igreja na rejeição da ocupação e de seus símbolos, elevando a teologia local e dando-lhe expressão mais ampla nos púlpitos e nas posições públicas.

§1.19 Nos últimos anos, nossa região, o Oriente Médio, passou por grandes transformações políticas e regionais moldadas por um plano deliberado de impor o domínio militar israelense sobre toda a área, com o apoio de potências ocidentais, desenhando um novo mapa “político e demográfico” em nossa região. Israel, sistematicamente apoiado por seus aliados, atacou muitos países da região, violando sua soberania e a de seus povos, desprezando o direito internacional e estabelecendo-se como um Estado agressivo e intimidador, acima de todas as leis e convenções — empurrando a região, e até o mundo, à beira da catástrofe.

§1.20 Como resultado dessas intervenções externas e disputas por domínio, surgiram grupos religiosos extremistas e terroristas — grupos que condenamos, juntamente com aqueles que os apoiaram, financiaram e/ou armaram. Esses movimentos consolidaram o

sectarismo às custas da cidadania. Muitas “minorias”, incluindo os cristãos do Oriente Médio, especialmente na Síria e no Iraque, pagaram um preço doloroso por esse extremismo. Em solidariedade e oração, nos colocamos ao lado deles e de todas as vítimas do terrorismo sectário e religioso.

§1.21 Ao mesmo tempo, acordos de normalização foram promovidos como acordos de paz entre Israel e alguns Estados árabes sob o nome de “*Acordos de Abraão*”. Essa própria denominação representa a manipulação da religião para servir agendas políticas, econômicas e de normalização, ignorando a essência da questão e a prioridade de alcançar uma paz justa com os próprios palestinos. Esses acordos, em vez disso, normalizaram a ocupação e o apartheid na Palestina, tornando-os realidades aceitáveis e “normais”. Um novo fenômeno também surgiu: o “sionismo islâmico”, um movimento recente entre alguns árabes e muçulmanos que, por razões religiosas, econômicas ou geopolíticas, apoiam o sionismo e veem Israel como um aliado potencial.

§1.22 À luz de tudo isso, devemos chamar as coisas pelos seus nomes: Israel é uma entidade colonial, colonizadora e excludente construída sobre o deslocamento da população indígena e sua substituição por novos colonos. Por essa razão, rejeitamos o próprio conceito de “conflito”. A realidade no terreno é, sim, tirania e um regime opressor de colonialismo e apartheid. Negar essa realidade é fugir da verdade evidente e reforçar e perpetuar a injustiça.

§1.23 Vivemos agora em uma nova era: uma época em que “a força faz o direito” e a paz é imposta por meio do poder militar, em desafio ao direito internacional e às decisões dos tribunais internacionais legítimos. Reafirmamos nosso compromisso com o respeito e a autoridade do direito internacional, que garante os direitos humanos e a paz global entre nações e povos. Este momento na história humana exige uma postura baseada na fé que fale a verdade contra o poder da tirania, sem compromissos ou evasão. Isso vai além de qualquer dimensão especificamente palestina; é, verdadeiramente, um *momento de verdade*.

Parte II

UM MOMENTO DE VERDADE PARA NÓS

§2.1 Diante dessa realidade dura e neste momento decisivo, elevamos este clamor, primeiro a nós mesmos, aos filhos e filhas de nossas igrejas e comunidades, e a todo o nosso povo na pátria e na diáspora. É um grito de firmeza, uma renovação de nossa postura pela verdade e um chamado para ouvir a voz de Deus dentro de nós e para nós. Este é um tempo de solidariedade e apoio mútuo, um tempo para assumir posições claras e corajosas fundamentadas nos princípios da fé e do pertencimento nacional. Este é o *momento da verdade*. Afirmamos que aquilo que foi construído sobre falsidade e injustiça histórica jamais poderá gerar paz ou sustentabilidade. Soluções verdadeiras começam com o dismantelamento de sistemas opressores e racistas. Só então poderemos falar de um novo horizonte que sonhamos e desejamos, um no qual permaneçamos em nossa terra, junto com todos os que nela habitam, com base na justiça, igualdade e direitos iguais, livres de supremacia e dominação.

§2.2 Chamamos a uma reavaliação nacional abrangente de nossa realidade para extrair lições e compreensões levando a uma visão unificada e coletiva e a uma estratégia clara para a ação futura, baseada na independência da tomada de decisões palestinas. Isso deve incluir uma revisão crítica de todas as soluções propostas e sua viabilidade dentro de um quadro representativo legítimo que garanta independência de decisão e o direito à autodeterminação. Alertamos contra dar ao nosso combate nacional um caráter religioso ou transformá-lo em uma questão religiosa que coloque religiões umas contra as outras.

§2.3 Este é um tempo de resistência, encarnada na firmeza custosa de permanecer em nossa terra diante de toda tentativa de deslocamento, anexação e genocídio; uma resistência vivida em nossa unidade, cooperação e compromisso com nossa fé, princípios nacionais e todos os nossos direitos. Manter a fé e a esperança é resistência. Orar é resistência. Proteger os lugares sagrados é resistência. Preservar a paz social é resistência.

§2.4 Num tempo em que a resistência palestina e os movimentos de solidariedade global são criminalizados, reafirmamos o direito de todos os povos colonizados de resistirem aos seus colonizadores. Como afirmamos em nosso primeiro documento, continuamos comprometidos com o princípio da *resistência criativa*, uma postura firme e custosa contra a injustiça contínua. Vemos a resistência criativa manifestada nos movimentos populares palestinos que enfrentam a ocupação, a expansão dos assentamentos, o terrorismo dos colonos e o apartheid, assim como no trabalho das organizações da sociedade civil, nas iniciativas jurídicas e de direitos humanos, no engajamento cultural, teológico e diplomático, e nos movimentos estudantis e trabalhistas. Em tudo isso, reconhecemos meios eficazes de resistência fundamentados no amor, um amor capaz de gerar mudança e renovar a esperança.

§2.5 Valorizamos os movimentos globais de resistência, defesa e pressão popular que trabalham para responsabilizar governos e entidades internacionais — isolando Israel por meio de boicotes e sanções até que cumpra o direito internacional. Vemos isso de uma perspectiva moral. As estratégias de boicote, desinvestimento e sanções são, em nossa visão, formas eficazes de resistência criativa enraizadas na lógica do amor e da não-violência, como afirmado em nosso documento original.

§2.6 Diante do genocídio ambiental perpetrado por Israel em Gaza e dos ataques repetidos e destruição ambiental na Cisjordânia, que ameaçam as futuras gerações, renovamos nosso pertencimento a esta terra e nosso enraizamento nela. Afirmamos a santidade da vida e o dever de cuidar da criação. Nossa vocação é viver em convivência com a criação, uma responsabilidade moral e de fé compartilhada por indivíduos e instituições, públicas, governamentais, sociais e religiosas.

§2.7 Enfatizamos a necessidade urgente de proteger todos os vulneráveis na sociedade: as vítimas da ocupação e colonização; pessoas com deficiência, especialmente as que perderam membros; os de coração quebrantado, os enlutados; e todos os marginalizados por qualquer razão, incluindo vítimas de violência doméstica ou social, exploração econômica e abuso de gênero.

§2.8 Entre os rostos de firmeza e esperança em nossa sociedade está a mulher palestina — avó, mãe, irmã e filha — a coluna vertebral inquebrantável, parceira na luta, sustentando ao mesmo tempo o lar, a terra, a memória e o futuro. Sua presença é

fundamental para toda a sociedade, e suas contribuições são múltiplas na vida nacional, social, econômica e espiritual. A mulher palestina não pode ser reduzida à categoria “mulheres e crianças”, vítimas sem rosto, privadas de agência e vontade. Sua voz, criatividade e liderança são forças indispensáveis. Não pode haver verdadeira libertação sem sua plena participação em todos os níveis de tomada de decisão e construção da nação.

§2.9 Nossa mensagem a nós mesmos, como cristãos palestinos, é esta: sentimos o peso da história sobre nossos ombros e estamos determinados a preservar o testemunho cristão nesta Terra Santa. A todos os palestinos dizemos: a preservação da presença cristã é tanto uma causa nacional quanto uma prioridade. Não somos apenas um número nem uma simples forma de diversidade dentro de nossa sociedade. Somos cidadãos indígenas que encarnam valores humanos e desejam trabalhar e construir nossa pátria junto com todos os parceiros que nela vivem.

§2.10 Ao nos dirigirmos a nós mesmos, dizemos: somos filhos e filhas da primeira Igreja, descendentes dos apóstolos e dos santos dos primeiros séculos cristãos, aqueles que cultivaram esta terra, construíram suas cidades e vilas e beberam de suas águas. Não vivemos à margem desta terra. Somos parte de seu tecido. Carregamos sua história e sua herança. Seu solo nos reconhece como seus. Muitos impérios passaram por esta terra e desapareceram, enterrados no pó da história, mas os sinos de nossas igrejas continuam a tocar, testemunhando a verdade e proclamando a ressurreição todos os dias.

§2.11 Isto é o que dizemos aos nossos jovens, homens e mulheres: *Vocês são a Igreja viva; vocês são o tesouro da esperança. O futuro nasce da firmeza e da fé de vocês. Nós acreditamos em vocês.* Vemos sua raiva, sua tristeza, seu medo. Também vemos sua força. Sabemos que nossa história não terminou, que nossa injustiça persiste. Não os chamamos a um otimismo ingênuo, mas a uma esperança enraizada na ação. Esperança não é rendição. Esperança é um ato vivo de resistência — recusando firmemente a realidade de morte imposta sobre nós, enfrentando e resistindo a toda forma de injustiça e ocupação. Jesus Cristo caminhou com os pobres e os fracos, esteve ao lado dos oprimidos e nunca abandonou o amor nem comprometeu a verdade e a justiça. Pela salvação da humanidade, aceitou a cruz. Sua ressurreição foi vitória sobre a morte e a injustiça, sinal de esperança enraizado na fé. Esta é a esperança que nos sustenta hoje.

§2.12 E dizemos a vocês também: vocês não estão sozinhos. Há aqueles que caminham com vocês na Palestina e ao redor do mundo. Mesmo que agora prevaleça o silêncio, chegará o dia em que suas vozes serão ouvidas. Suas vozes importam. Expressem-se. Escrevam. Cantem. Criem. Organizem-se. Resistam através de sua humanidade em um mundo que tenta lhes tirar isso. Atrevam-se a amar, a sonhar e a moldar um futuro livre e luminoso. Saudamos suas iniciativas e atividades: na igreja, no engajamento nacional e cívico, no escotismo, na juventude, no esporte, na cultura, nas artes, na política e nos direitos humanos. Todas essas marcadas pela abertura à sociedade, pelo espírito de voluntariado, e por fé e esperança livres de sectarismo. Inspiramo-nos em sua firmeza e em seu amor, e vemos em vocês a promessa de um futuro melhor.

§2.13 Ao nosso povo na diáspora, aqueles que foram deslocados à força: vocês podem estar geograficamente longe da Palestina, mas a Palestina vive dentro de vocês. Convidamos vocês a se envolverem em comunidades, movimentos e coalizões que fortalecem nossa firmeza e afirmam nossa presença. Vocês desempenham um papel

essencial. Sua voz tem o poder de transformar realidades. Valorizamos seu ativismo. Ouvimos suas vozes. De fato, o mundo inteiro as ouviu. Compartilhem nosso sofrimento e nossas histórias de firmeza e sucesso. Criem espaços de diálogo e de construção de pontes entre nós e os líderes religiosos e políticos dos países onde vivem. Ajam com sabedoria e apresentem ao mundo a imagem verdadeira de nosso povo. Em vocês também reside a esperança de um futuro melhor. Não perderemos nosso sonho de reunificação nem abriremos mão do nosso direito de retorno.

§2.14 Estendemos nosso apoio aos nossos líderes espirituais e instituições eclesiais que continuam a sustentar seu testemunho cristão mesmo nos tempos mais sombrios e difíceis, fortalecendo a firmeza de seus filhos e filhas. Elogiamos especialmente o trabalho extraordinário das igrejas de Gaza, que acolheram os deslocados. Valorizamos a coragem de nossos líderes eclesiais que permaneceram ao lado de nosso povo em Gaza e sustentaram sua firmeza em meio ao genocídio e ao deslocamento. Os fiéis em Gaza escreveram histórias heroicas de firmeza e testemunho. Alguns foram martirizados. Muitos foram feridos e enlutados. Nossas orações e nossos corações estão com eles. Convidamos os cristãos ao redor do mundo a apoiarem nosso esforço, ao contrário do que as aparências possam sugerir, de preservar a presença cristã em Gaza, que remonta aos primeiros séculos do cristianismo, e a defender o direito de todos os deslocados de retornarem às suas casas e reconstruírem suas vidas.

§2.15 Somos testemunhas da Ressurreição e do túmulo vazio, de onde irrompeu a luz da vida. Cremos que a última palavra pertence não à morte, mas à vida. Não às trevas, mas à luz. Não à injustiça, mas à verdade. Proclamamos com o Apóstolo Paulo: “*Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos*” (2 Coríntios 4,8–9).

Parte III

UM CHAMADO AO ARREPENDIMENTO E À AÇÃO

§3.1 Dirigimos nosso apelo aos cristãos de todo o mundo. Fazemos este chamado a partir de Jerusalém, Belém e Nazaré, do lugar de nascimento de Cristo, da terra da Encarnação do Verbo e do berço do amor, da misericórdia e da justiça; da terra do sofrimento, da morte e da ressurreição, a terra da redenção e da esperança, de onde veio para a humanidade o chamado ao arrependimento e ao retorno aos fundamentos da fé. Foi daqui que a fé se espalhou até os confins da terra. É um chamado para “*aprender a fazer o bem; procurar a justiça; socorrer o oprimido*” (Isaías 1,17).

§3.2 O Deus revelado nas Sagradas Escrituras, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, o Criador do Universo e de toda a humanidade, é aquele que se encarnou no Filho, Jesus Cristo, o Deus de todos os povos (Atos 10,34–35; Romanos 10,12–13). Deus, Criador e Pai de todos, está em solidariedade e toma o lado dos oprimidos e dos abatidos, das vítimas de toda forma de injustiça e tirania de qualquer nação, independentemente de raça, religião ou nacionalidade (Lucas 4,18–19). A missão da Igreja se realiza ao participar da obra do Reino de Deus por meio da busca da paz, da defesa dos oprimidos e da prática do bem.

§3.3 O genocídio é um processo cumulativo que começou na mente das potências coloniais europeias quando negaram a imagem de Deus nos outros e legitimaram a morte, a dominação e a escravidão. Consideramos o Estado de Israel, estabelecido em 1948, como uma continuação desse mesmo empreendimento colonial construído sobre o racismo e a ideologia da superioridade étnica ou religiosa. Esse projeto colonizou a Palestina e trabalhou para deslocar o povo indígena palestino desde a *Nakba* até hoje. Nossa realidade presente é a consequência inevitável da ideologia sionista e do movimento colonial-supremacista, fruto da mentalidade imperial.

§3.4 O genocídio é um pecado estrutural contra Deus, contra a humanidade e contra a criação. Ele se opõe diretamente ao grande mandamento do amor, o resumo de toda a lei (Gálatas 5,14). Aqueles que negam o genocídio cometido contra o povo palestino em Gaza, apesar das provas esmagadoras, dos testemunhos e até das declarações dos próprios sionistas, negam a própria humanidade do povo palestino. Portanto, temos o direito de perguntar: como se pode falar de comunhão cristã enquanto se nega, apoia, justifica ou permanece em silêncio diante do genocídio — especialmente quando tais atos são cometidos em nome de Deus e das Escrituras? Deve haver reflexão honesta e arrependimento de todos os fiéis, especialmente dos líderes das igrejas de todo o mundo.

§3.5 Expressamos nossa gratidão a todas as igrejas que reconheceram a injustiça que nos foi infligida e a guerra genocida em Gaza. Saudamos todas as vozes que assumiram uma posição religiosa e moral contra o sionismo e o chamado sionismo cristão, rejeitando o genocídio e o apartheid e pedindo o fim do envio de armas a Israel e o julgamento dos criminosos de guerra. Ouvimos nessas vozes um apoio à nossa esperança, um sinal do Espírito Santo e a presença da consciência moral na humanidade.

§3.6 Conclamamos a um movimento teológico global baseado nos pilares do Reino de Deus. Um movimento que surja dos contextos e lutas dos povos que sofrem com colonialismo, racismo, apartheid e pobreza estrutural produzida por sistemas políticos e econômicos corruptos que servem aos interesses dos impérios do mundo. Desafiamos a lógica falsa de uma paz “neutra” ou “equilibrada”, assim como as formas de diplomacia eclesial que não dizem a verdade ao poder como forma de evitar responsabilidade moral e espiritual. Junto com nossos parceiros ao redor do mundo, temos passado por um processo de autoexame para nos libertar dos resíduos de teologias coloniais herdadas do Ocidente.

§3.7 Rejeitamos a opressão e a injustiça produzidas pela teologia do racismo, do colonialismo e da supremacia étnica encarnada no sionismo cristão, uma teologia que produziu apartheid, limpeza étnica e genocídio de povos indígenas. O sionismo cristão invoca um deus tribal, racista e de guerra, defensor da limpeza étnica, são ensinamentos totalmente estranhos ao coração da fé e da ética cristãs. O sionismo cristão deve ser chamado pelo que realmente é: uma corrupção teológica e moral. Após terem sido esgotados todos os esforços para convidar os sionistas cristãos ao arrependimento genuíno, a responsabilidade moral, eclesial e teológica exige que sejam responsabilizados e que sua ideologia seja rejeitada e boicotada. Chegou o momento de as igrejas do mundo repudiarem a teologia sionista e declararem claramente sua posição sobre a Palestina: trata-se de um caso de colonialismo e de limpeza étnica de um povo indígena.

§3.8 Condenamos todos os que exploram e utilizam a acusação de *antisemitismo* para silenciar a voz palestina da verdade. Rejeitamos toda tentativa de confundir antisemitismo com oposição ao apartheid ou com esforços para responsabilizar Israel sob o direito internacional — especialmente através de definições e documentos elaborados para servir a ideologias e interesses sionistas sob o pretexto de combater o antisemitismo. O uso indevido do termo *antisemitismo* distorce e obscurece a realidade do verdadeiro antisemitismo, que ainda existe no mundo e que condenamos firmemente, juntamente com todas as formas de racismo, exclusão e preconceito, incluindo a islamofobia. A ideologia sionista afirma representar e proteger o povo judeu, mas ao fazê-lo confundiu “judeu” e “sionista” como se fossem a mesma coisa. Nem todo judeu é sionista, e nem todo sionista é judeu. Essa confusão prejudicou profundamente o próprio judaísmo e sua imagem no mundo.

§3.9 Conclamamos todas as pessoas de consciência, crentes em Deus de todas as fés e pessoas de boa vontade, a se unirem em coalizões que protejam a humanidade de uma nova queda na realidade da injustiça, tirania e dominação. Convidamos à criação de uma ordem mundial alternativa, justa e humana, pois o sistema global atual falhou em suas responsabilidades mais fundamentais: defender os fracos e preservar a paz e a segurança internacionais.

§3.10 Repetimos e enfatizamos nosso apelo às igrejas do mundo — trabalhando em conjunto com coalizões religiosas e seculares — para pressionar seus governos a isolar Israel, responsabilizá-lo, impor sanções, boicotá-lo e proibir a exportação de armas até que cumpra o direito internacional, ponha fim à opressão e à tirania, e respeite os princípios de justiça e paz. Do mesmo modo, conclamamos os governos do mundo a pressionarem pelo julgamento dos criminosos de guerra, sejam eles quem forem, sob a jurisdição da Corte Internacional de Justiça e do Tribunal Penal Internacional; a garantirem reparações ao povo palestino, tanto na pátria quanto na diáspora; e a trabalhar pelo retorno imediato dos deslocados, reconstruindo Gaza e fortalecendo a firmeza de seu povo.

§3.11 Mais do que nunca, este é um tempo de solidariedade custosa. Por sua própria natureza, a verdadeira solidariedade exige sacrifício. Ela tem um preço. É uma postura de fé, um compromisso humano e uma responsabilidade moral. A verdadeira solidariedade é também a encarnação de nossa humanidade e fraternidade comuns. Ou vivemos juntos ou perecemos juntos. Hoje é Palestina. Amanhã serão outros povos marginalizados e oprimidos.

§3.12 Neste espírito, honramos o número crescente de vozes judaicas que se opõem à guerra e enfrentam o sionismo por convicção moral, religiosa e humana. Neles encontramos parceiros em nossa humanidade comum e na luta pela liberdade e dignidade humana, parceiros também no diálogo religioso e político. Por muitos anos, tal diálogo foi monopolizado por sionistas e seus aliados, com premissas construídas para reforçar a ideologia sionista e perseguir palestinos. Convidamos, portanto, as igrejas do mundo a distinguirem entre diálogo com judeus e diálogo com o sionismo e, de fato, a boicotar o diálogo com vozes sionistas que apoiam e continuam a apoiar a ocupação, o apartheid e o genocídio do povo palestino. Em vez disso, pedimos que apoiem e ampliem as vozes judaicas proféticas que clamam por justiça e verdade.

§3.13 A solidariedade cristã significa estar ao lado da Igreja local e apoiar sua firmeza, fortalecendo a perseverança dos fiéis na terra e capacitando instituições eclesiais e cristãs que encarnam a missão de fé e humanitária no terreno. Hoje renovamos nosso apelo aos cristãos do mundo: desafiem o cerco imposto aos cristãos da Terra Santa; venham visitar as *pedras vivas*; testemunhem e respondam ao que virem; e ajudem a fortalecer a firmeza dos palestinos, inclusive dos cristãos palestinos. Este é o nosso chamado: “*Vinde e vede*”. Depois, contem o que viram, respondam e permaneçam com a Igreja firme.

Parte IV

FÉ EM UM TEMPO DE GENOCÍDIO

§4.1 Da terra da Encarnação, da Cruz e da Ressurreição, renovamos nossa palavra de esperança no Deus dos pobres, dos oprimidos e dos abatidos. A guerra genocida tentou arrancar de nós nossa esperança e nossa fé na bondade de Deus e na vida sobre nossa terra. No entanto, declaramos nossa adesão à nossa fé em um Deus santo e justo, e ao direito que Deus nos concedeu de viver com dignidade em nossa terra e na terra de nossos antepassados. Esta é nossa esperança. Esta é nossa firmeza. Esta é nossa resistência.

§4.2 Temos ouvido muita conversa sobre soluções políticas e paz, enquanto a realidade no terreno diz o contrário. Falar de solução política hoje é inútil, a menos que antes façamos o trabalho sério de reconhecer e reparar os erros do passado, começando pelo reconhecimento da injustiça histórica cometida contra os palestinos desde o surgimento do movimento sionista e a Declaração Balfour. Qualquer começo genuíno deve envolver o desmantelamento do colonialismo e do sistema de apartheid construído sobre a supremacia judaica, codificada na lei racista do Estado-Nação de Israel. Também rejeitamos propostas de um Estado enfraquecido, condicionado e sem plena soberania sobre suas fronteiras, águas, espaço aéreo e segurança. O que é necessário é ação e proteção internacional, responsabilização dos criminosos de guerra e compensação para os sobreviventes do genocídio, da *Nakba* e da ação dos colonos. Soluções duradouras não podem ser baseadas na lógica da força, mas nos fundamentos da justiça, igualdade e no direito à autodeterminação.

§4.3 Nosso objetivo é viver como filhos e filhas de Deus em nossa pátria, sem barreiras, muros, ocupação militar ou apartheid, mas em um mundo no qual a justiça, a equidade e a igualdade governem. Enxergamos um futuro no qual nosso mundo esteja livre de guerra, morte, sectarismo e tribalismo; onde a palavra da verdade se eleve acima da palavra do poder; onde a legitimidade pertença à paz e à justiça. Extraímos nossa esperança da Palavra de Deus e da fé viva em nossos corações, recusando-nos a deixar o futuro nas mãos das vozes do extremismo, do colonialismo e da supremacia.

§4.4 Reafirmamos nossa rejeição a um Estado religioso, pois ele limita o Estado a fronteiras estreitas, favorece um cidadão em detrimento de outro e exclui e discrimina entre seu povo. Nossa esperança é por um Estado civil e democrático, fundamentado em uma cultura de pluralismo, não de dominação numérica, que reconhece a bondade e o valor de cada pessoa que pertence a esta terra. Tal cultura, enraizada no mandamento do amor, nos obriga a enfrentar toda forma de extremismo e racismo em nossa terra, rica na

diversidade de seus povos, culturas e religiões, com base na igualdade diante da lei e na cidadania plena.

§4.5 Do coração da dor, do genocídio e do deslocamento, elevamos este clamor: um grito profético de firmeza. Declaramos nosso compromisso de trabalhar pelo bem desta terra e de toda a humanidade, com base em nossa humanidade compartilhada, até o dia em que vivamos livres em nossa terra junto com todos os seus habitantes, em verdadeira paz e reconciliação, fundamentadas na justiça e na igualdade para toda a criação de Deus, **“onde a misericórdia e a verdade se encontram, e a justiça e a paz se abraçam.”** (Salmo 85,10)